



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MARIA MADALENA DE MIRANDA

MINHAS MEMÓRIAS

BURITIS-RO
2017

MARIA MADALENA DE MIRANDA

MINHAS MEMÓRIAS

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Buritis, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof^a Dr^a Marilsa Miranda de Souza.

BURITIS-RO
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MINHAS MEMÓRIAS

MARIA MADALENA DE MIRANDA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Prof^a Dr^a Marilsa Miranda de Souza
Presidente/Orientadora

Prof.^a Dr^a Marijane Silveira da Silva
Membro

Prof^a Dr^a Rosângela de Fátima Cavalcante França
Membro

BURITIS-RO
2017

AGRADECIMENTOS

A Deus, que está acima de tudo, o grande autor da vida

Aos meus colegas de curso que sempre me ajudam quando preciso

À minha família que me apoia

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para que pudesse chegar até aqui.

À tutora Fermina que ficou com a gente por quatro anos e muito nos ajudou.

À Joyce nossa tutora de estágios que nos orientou de forma admirável.

À nossa querida tutora Roseneide que tem feito tudo que está ao seu alcance, sendo pra cada um de nós, um exemplo de pessoa, disposta sempre a contribuir com nosso crescimento profissional.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse o curso de Pedagogia.

Dedico aos meus filhos e a meu esposo que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando para que eu não desistisse. Hoje posso dizer que a vitória é nossa.

Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos que deveríamos ser. Não somos o que iremos ser. Mas graças a Deus, não somos o que éramos.

Martin Luther King

RESUMO

O presente Memorial é o Trabalho de Conclusão de Curso, sob o título Minhas memórias de Maria Madalena de Miranda por meio do qual relata suas memórias e as experiências de escolarização. O Memorial se caracteriza como uma autoavaliação, apresentando as coerências e incoerências do processo educativo vivido e as relações estabelecidas durante o período de realização do curso de graduação em Pedagogia. A autora relata sobre a formação acadêmica levando em conta o desenvolvimento dos trabalhos executados, apresentados e expostos que renovou sua caminhada profissional, especialmente, em relação à Educação de Jovens e Adultos, modalidade que lhe exerce um profundo compromisso desde suas primeiras experiências na educação e conclui apresentando suas expectativas como futura pedagoga e educadora.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias. Educação de Jovens e Adultos. Formação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	LEMBRANÇAS ENRAIZADAS.....	9
3	EJA: UMA OPORTUNIDADE	13
4	MINHA FORMAÇÃO HOJE: O CURSO DE PEDAGOGIA.....	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Confesso que a proposta de escrever este memorial de formação foi um desafio, afinal analisar criticamente a própria prática já não é um exercício fácil e escrever sobre isso se torna ainda mais difícil. Porém, o curso de pedagogia proporcionou um exercício de reflexão que resultou na re-significação dessa prática, e esse processo de desconstrução e construção de conhecimentos merece ser registrado.

Como é difícil escrever um memorial de formação. No momento em que paramos para lembrar, são tantas as dúvidas que surgem: o que escrever? O que é importante? O que é relevante? Como escrever? Para quem escrever? E se a memória não ajudar? Portanto, este memorial não é uma certeza sistemática de afirmações, mas, certamente, é um apanhado de dúvidas e de algumas certezas provisórias do meu presente, olhando para o meu passado.

No primeiro momento relato um pouco da minha vida, as dificuldades que tive quando criança para frequentar uma escola; Na segunda seção relato sobre a Educação de Jovens e Adultos-EJA e como ela me ajudou e ajuda as pessoas que trabalham e não tem oportunidades de estudar durante o dia; Na terceira seção trato de minha formação em pedagogia, das dificuldades que tive e o quanto o curso contribuiu para minha formação.

2 LEMBRANÇAS ENRAIZADAS

Nasci no dia 18 de fevereiro do ano de 1982, na cidade de Ji-Paraná, Estado de Rondônia. Sou a filha do meio de três irmãos da família Miranda. Mudamos pra Buritis no ano de 1998 e tive que parar de estudar, pois não havia escola pólo na região. Só em 2001 quando inaugurou a primeira escola pólo do município foi que voltei a estudar. Foi um período bem difícil, pois tínhamos que andar uns 8 km a pé e levar a marmita pra comer na escola. Ficávamos lá o dia inteiro e isso acontecia duas vezes por semana. Quando terminei o ensino fundamental não consegui continuar estudando, pois estava grávida de meu primeiro filho e pra ir pra cidade estudar era bem complicado. Só voltei 3 anos depois na EJA onde concluí o ensino médio. Logo apos eu ter concluído o ensino médio, soube por uma amiga, do vestibular da UNIR. Não tive dúvidas. Fui até a cidade o mais rápido possível e fiz a inscrição. Fiquei aguardando ansiosa o dia da prova. No dia em que fui fazer a prova do vestibular fiquei bem tranquila e tudo deu certo.

Hoje tenho 34 anos, sou casada com Janir Luiz Acco, temos um casal de filhos, Pedro Henrique de Miranda Acco de 12 anos e Inis Rebeca de Miranda Acco de 11 anos. Sempre estudei em escola pública. Quando completei 18 anos fiz o concurso de Agente Comunitário de Saúde do município de Buritis onde trabalho há 15 anos. Sou apaixonada pelo meu serviço porque através dele consigo orientar as pessoas para que tenha um conhecimento sobre saúde e uma vida de mais qualidade. Também oriento as mães como cuidar das vacinas e do aleitamento das crianças e posso acompanhar o peso e o crescimento delas. Quanto aos que tem pressão alta ou diabetes faço acompanhamento mensal, verifico se estão indo ao médico se estão tomando remédio. Tenho um carinho especial pelos idosos do meu local de trabalho. São pessoas muitos simples que moraram a vida inteira na roça e alguns não sabem nem assinar o nome, mas que tem muito respeito comigo e isso me faz sentir útil pra eles. Posso dizer que é um privilégio que eu tenho, de entrar nas casas dessas pessoas e ajudá-las. Faz-me muito bem.

Meu pai é agricultor, com ele aprendi valores como respeito ao próximo e, sempre, em qualquer situação, ser verdadeiro. Também me ensinou a servir a Deus e reconhecê-lo como nosso salvador. Minha mãe é professora e tenho maior orgulho de falar dela.

Quando ela começou a lecionar, eu era criança e tive o privilégio de estudar com ela do 1º ao 4º ano. Vi minha mãe alfabetizar muitas crianças e como lutou pra se formar professora. Quando começou a lecionar, tinha apenas a 4ª série. Era considerada professora leiga, por não ter formação.

A presença do professor/a/ leigo/a no ensino fundamental brasileiro ainda é significativa. O ingresso desses profissionais no mercado de trabalho há uns anos atrás, era de suma importância, pois se fazia necessário alfabetizar as crianças e não havia professores habilitados.

No Brasil, a existência de professores leigos é mais comum nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde muitos deles estudaram apenas até a 4ª série e a maior parte sequer terminou o ensino fundamental. Em 1999, cerca de 30%, dos 456 mil professores de ensino fundamental no Norte, Nordeste e Centro-Oeste não tinham habilitação para lecionar. Ainda, de acordo com dados do MEC, do universo de professores leigos existentes no País, na mesma época, cerca de 110 mil não haviam concluído sequer o ensino fundamental.

Mas minha mãe superou as adversidades dificuldades e fez o magistério pelo Programa Logos II. O programa Logos II era um programa para formação dos profissionais que já atuavam como professores e não tinham a formação exigida. Conforme Gouveia (2016, p. 14), “o Projeto Logos II foi criado no Brasil, em um contexto político de Ditadura Militar”. Fez parte do pacote dos acordos MEC/USAID. “O Ministério da Educação e Cultura (MEC) foi um dos órgãos mais visados pelo grupo que ocupava o poder devido à Educação ter servido como instrumento para o desenvolvimento econômico”. Foi o primeiro Programa de formação de professores formulado e financiado pelo Banco Mundial. Em Rondônia o projeto foi desenvolvido entre as décadas de 1970 a 1990, como explica Gouveia (2016):

[...] esse programa trabalhava com sistema modular e possuía um plano de atividades diversificado e flexível, no qual o aluno estabelecia seu próprio ritmo de aprendizagem. Os encontros com o orientador de ensino eram mensais, quando aconteciam também as aplicações de testes. No estado de Rondônia (extinto Território Federal de Rondônia), levantamentos apontam que o Projeto foi desenvolvido entre as décadas de 1970 a 1990. (GOUVEIA, 2016, p. 14).

Depois do Magistério de ensino médio pelo Logos II, minha mãe conseguiu graduar-se em Pedagogia. Tenho-a como referencial de educadora e de mulher guerreira, que luta com todas as forças pra chegar onde quer.

Quando terminei a 4ª serie fui estudar em um vilarejo que ficava bem longe da minha casa chamado Nova Colina, no município de Ji-Paraná. No começo do ano, o ônibus vinha buscar. Mas, quando chegou ao meio do ano, parou e eu não consegui terminar; no ano seguinte foi inaugurada uma das primeiras escolas polo do município de Ji-Paraná, a Escola Nova Aliança e foi lá que fiz o 5º ano. Mas, no ano seguinte mudamos pra Buritis. Ao chegar a Buritis minha mãe fez o concurso do município e começou a dar aulas numa escolinha multisseriada localizada na linha C 42 foi ali com 16 anos que posso dizer que comecei minha paixão por ser professora. Eu vinha todos os dias com minha mãe 5 km de bicicleta. Era uma escolinha feita de pau a pique que os próprios pais dos alunos fizeram e ali eu ajudava minha mãe a lecionar para 4 séries diferentes. Era incrível como a turma se desenvolvia.

Sempre tive muitos amigos, mas ao chegar aqui em Buritis fiquei um pouco triste por perceber que muitos dos meus novos amigos tinham pouco estudo e alguns não sabiam nem assinar o nome. Essa situação me incomodava muito, então os convidei pra uma reunião e falei com eles sobre a ideia de voltarem a estudar. Todos gostaram da ideia e, diante disso, eu e minha mãe fomos procurar a secretaria de educação e passamos a situação. Não demorou muito a secretaria pediu a lista com os nomes dos alunos e já veio fazer reunião. Estava tudo certo, mas na hora de começar a aula não tinha professor. Confesso que fiquei mais nervosa que os alunos porque senti medo de ver a oportunidade que meus amigos tanto queriam. Não consegui escapar. Como eu já ajudava minha mãe a 3 anos eles me pediram pra ficar na escola dando aula até a SEMEC conseguir um professor. Foi ali que comecei a experiência mais incrível da minha vida. Como ninguém tinha documentação escolar foi aplicado uma prova para definir a série de cada aluno. Era muito bom, pois além dos meus amigos que eram jovens tinha também senhoras com mais de 50 anos. No total de 23 alunos de 4 series. Eu, apesar de só ter 18 anos ajudava minha mãe na escola dela de manha e a tarde. A noite, com a lâmpada do um lampião a gás, às vezes com vela, ia pra outra escola, dessa vez, sozinha lecionar para adultos. Fiquei por 3 meses até a nova professora

chegar. Hoje posso dizer que tenho muito orgulho, pois muitos daqueles terminaram o ensino médio fizeram curso técnico, faculdade e alguns deles hoje são funcionários concursados da prefeitura de Buritis. É verdade que teve alguns deles que só aprenderam a assinar o nome, mas até esses ficaram felizes, pois já não precisam como diziam, assinar com o dedo.

A partir desse momento da minha vida, aumentou muito em mim a vontade de ser educadora porque eu gostava muito de ajudar minha mãe na escola. Mas minha paixão por ser professora veio mesmo quando comecei com EJA. Foi ali que o sangue pulsou forte! Já faz 16 anos e hoje estou quase terminando o curso de Pedagogia e estou muito feliz, pois vejo a cada dia a chance de voltar a uma escola da EJA, dessa vez sendo uma educadora com formação e com a mesma vontade, o mesmo frio na barriga, o mesmo entusiasmo.

Desde que nasci moro no sítio, cresci tomando banho rio, montando a cavalo, brincando na chuva e subindo em árvores, sempre cercada de muitos amigos e de primos, que sempre estavam presentes nas brincadeiras e nas travessuras. Lembrança muito boa tenho da igreja que participávamos. Era muito simples, mas pra mim era o melhor lugar do mundo. Eu amava ir naquela pequena igreja. Minha igreja. Na igreja, que mesmo antes de começar a estudar eu já participava do grupo de louvor das crianças e de teatro. Quando cheguei à escola com 7 anos eu já sabia várias coisas que tinha aprendido na igreja.

A família é o sustentáculo da vida, com ela aprendemos o que é ser ético, respeitar a diferença de cada ser, os limites que temos. Enfim, é o início para convivemos em sociedade. Ela que nos enche de carinho e amor é o nosso bálsamo de segurança e conforto para enfrentar qualquer problema que surja adiante.

3 EJA: UMA OPORTUNIDADE

Sonho um dia estar dentro de uma sala de aula, após concluir o curso de Pedagogia com jovens e adultos, ajudando no sonho de cada um e deles compartilhando experiências e ajudando a transformar a nossa sociedade.

Tenho saudade da época que ajudei na escolinha de EJA. Várias lembranças de histórias de vida de pessoas que depois de trabalhar o dia inteiro na roça, quando chegava à escola ainda tinha disposição de compartilhar suas experiências com a turma. Muito boas eram as aulas de histórias, pois às vezes não precisava nem de livros, já que muitos ali tinham vivido a história (regime militar, por exemplo). A maior lembrança que tenho (e como era bom saber da história por quem a viveu) e o que mais me deixava feliz, era ver que as pessoas que ali estavam, ao menos para aprender a assinar o nome, eram capazes de também ensinar, de como as diferenças aproximam as pessoas e, por fim, como pessoas tão simples são capazes de nos dar ensinamentos tão importantes. Foi lá na escolinha Machado de Assis na zona rural do município de Buritis que nasceu em mim o desejo de ser educadora.

A educação de Adultos compreende a educação formal e permanente. A educação não formal é toda a gama de educação informal e ocasional existentes em uma sociedade educativa e multicultural, na qual se reconhecem os enfoques baseados na prática. Outro ponto relevante refere-se ao tempo diferenciado do currículo da EJA em relação ao tempo do currículo regular, o que não significa que o conteúdo seja trabalhado de forma precária ou aligeirado e sim, que o conteúdo seja abordado integralmente, porém levando-se em consideração os saberes adquiridos na história de vida dos educando. Isso, porque o aluno adulto tem maior clareza do porque e do para quê estudar, o que certamente colabora para aumento de sua motivação.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino cujo objetivo é permitir que pessoas adultas, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade convencional, possam retomar seus estudos e recuperar o tempo perdido. Oferecer a modalidade de EJA nos dias de hoje requer um novo pensar acerca das políticas educacionais e das propostas de (re) inclusão desses educandos nas redes de educação pública do nosso país.

O que se tem pensado até o momento é que o trabalho pedagógico desenvolvido neste seguimento de ensino deve ser de cunho eminentemente alfabetizatório. No entanto, alfabetizar é somente a primeira parte do processo. O que não se pode é pensar que só alfabetização poderá garantir desenvolvimento social deste educando.

Para uma pessoa adulta que retoma seus estudos, o desejo maior é o de se preparar para o trabalho, de ter autonomia e de se dar bem profissionalmente. A abordagem metodológica neste sentido não deve ser desenvolvida com os mesmos parâmetros utilizados para se trabalhar com crianças. Um aluno com idade de 30 anos, por exemplo, retomando os anos escolares, correspondente ao 4º ano do ensino fundamental, não se interessará por uma atividade caracterizadamente infantil. Daí, a necessidade de abordar conteúdos equivalentes, mas com uma linguagem adulta e que vá ao encontro daquilo que esse público deseja. A educação é o maior e melhor instrumento gestor de mudança. Através dela o homem consegue compreender melhor a si mesmo e ao mundo em que vive.

O Brasil já deu um grande passo nas questões que se referem à alfabetização de jovens e adultos, embora continuemos entre os países com maior taxa de analfabetos. E o problema, como já mencionado, é que o adulto que procura a escola não quer apenas aprender a ler e a escrever, ele quer e necessita é de atualização com o contexto social em que vive e faz parte. Os alunos da EJA são geralmente trabalhadores/as, empregados/as e desempregados/as que não tiveram acesso à cultura letrada. O que acontece é que existem grandes disparidades entre ricos e pobres.

De acordo com estudos realizados, a população pobre encontra-se em desvantagem, principalmente ao se tratar de jovens e adultos. A maioria dos alunos da EJA trabalha. Isso significa que eles têm pouco tempo pra estudar. Por esse motivo é necessário que educadores da EJA percebam que, com horários limitados e alunos desgastados, poderá haver limitações no processo pedagógico noturno. A educação fundamental de jovens e adultos, ainda que nos pareça indicar para o simples domínio do alfabeto, da grafia e de leitura, obrigatoriamente nos leva pra outra instância que significa toda ordem social, política e cultural a qual pertencemos. Mas a EJA não se limita ao processo de educação elementar, mas também aos demais níveis de educação básica. Como já ressaltai, eu mesma fiz o

ensino médio na EJA, pois quando terminei o ensino fundamental estava grávida e não pude continuar estudando. Só depois de uns quatro anos foi que consegui voltar pra escola e foi na EJA que terminei concluí o ensino médio.

Os educadores para fazerem parte do corpo docente da EJA devem ter uma formação inicial, além de contribuírem de forma relevante para o crescimento intelectual do indivíduo, realizando o exercício de cidadania.

4 MINHA FORMAÇÃO HOJE: O CURSO DE PEDAGOGIA

Hoje depois de tantas idas e vindas posso dizer que estou conseguindo chegar ao meu tão sonhado curso superior. Tenho uma família formada, filhos, esposo, um serviço, pois sou Agente Comunitária de Saúde, mas agora, lutando desde 2011, nessa árdua batalha, na reta final para receber meu diploma de nível superior.

Fazendo uma análise, desde 2011, muitas disciplinas marcaram minha vida. Algumas positivamente e outras negativamente. Mas, tenho convicção que a que mais marcou minha trajetória foi a disciplina de EJA, pois revivi minha trajetória de vida para chegar até minha formação superior, principalmente quando fui fazer trabalho de campo. O contato direto com os alunos de EJA foi muito prazeroso. Conversei com eles e vi o anseio nos olhos de cada um, assim como vivi também um sonho que se tornou realidade.

No curso de Pedagogia encontrei algumas respostas que buscava. Essas respostas vieram da melhor forma possível: a partir de um processo reflexivo que se instalou em mim, em um questionamento constante sobre minha prática pedagógica e os problemas vivenciados na escola cotidianamente.

Uma das matérias que eu fiquei encantada foi a de Libras, pois muitas vezes a sociedade nem percebe as pessoas surdas. Quando eu comecei a estudar essa matéria fiquei surpresa com as metodologias que foram usadas no decorrer do tempo com esses indivíduos e que no ano de 2002 o então presidente Fernando Henrique sancionou uma lei que reconhecia a Libras como língua oficial da comunidade surda na Brasil que foi a Lei 10436/02. Em 2005, o Decreto de Lei 5.626/05 reconheceu a importância do conhecimento de Libras nos cursos de graduação de pedagogia, fonoaudiologia e letras. Hoje é uma obrigatoriedade em todos os cursos de licenciatura.

A legislação contribuiu muito para o avanço do ensino de surdos no Brasil, pois foi a partir dela que os profissionais de educação começaram Libras, não como recurso, mas como instrução da educação de surdos. Quando fui até uma escola na cidade pra ver como se alfabetizava esses alunos, foi a primeira vez que vi uma interprete auxiliando a professora. Fiquei observando a aula e como achei maravilhosa a interação entre alunos, interprete e professor, de como a aula se

desenvolve e como conseguem se relacionar com os outros alunos e, como todos, de uma forma natural, acabam aprendendo a linguagem de sinais e se interagem, como se não houvesse diferença entre eles. No final da aula conversei com os alunos com a ajuda da intérprete e eles relataram a importância dela em suas vidas.

A disciplina sobre metodologia do ensino de matemática também foi muito importante. Nas atividades trabalhadas pelo professor, eu consegui enxergar como podemos aprender e ensinar matemática através do uso de jogos. Como alternativa para a utilização do lúdico no ensino de matemática, a atividade era fazer um tangram. Na medida em que comecei a selecionar o material para confeccionar o tangram entendi que o professor queria que entendêssemos como podemos, ensinar nossos alunos a desenvolver o raciocínio geométrico, percebendo formas, representando figuras, construindo e criando. Com as sete peças do Tangram é possível montar figuras diversas como animais, plantas, pessoas, objetos e números. Através dessa atividade tive a compreensão de um conceito, seu processo de construção e as habilidades envolvidas nessa construção. Essa atividade proporciona o desenvolvimento de habilidades de pensamento, de acordo com o envolvimento e a maturidade de cada aluno.

Em tecnologia da informação e comunicação na educação, as informações sobre as diversas tecnologias me possibilitaram um entendimento de que a utilização das tecnologias na educação não deve ser apenas ilustrativa, mas pode ser transformadora. Entendi que um grande volume de informações, em diferentes formatos e compartilhados, propicia interação com pessoas distantes e possibilita acompanhar em tempo real os conhecimentos em diversos locais do planeta.

Em relação ao estudo sobre currículos, entendi a estrutura e funcionamento das políticas públicas educacionais que regem o ensino, que o currículo é formado por uma equipe escolar e se baseia em documentos e legislações que são produzidos pelo sistema central de ensino (Ministério de Educação), mas que cada escola tem os critérios, estratégias, instrumentos e métodos de aplicá-los, pois as questões sociais e culturais são importantes. Todo professor deve fazer um planejamento que contemple a expressão do conhecimento do aluno como referência para uma aprendizagem continuada.

Como eu gostei da História de cultura Afro-Brasileira e dos povos Indígenas! Somos uma sociedade de diferentes realidades socioculturais. Devemos

buscar práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural dentro do sistema de ensino, buscando devidamente a história e a cultura de nosso povo afrodescendente e de indígenas. Isso é relevante, não apenas para a população de negros e índios, mas também a todos os brasileiros. A escola tem contribuído para acabar com o falso e reduzido modo com que esses povos foram historicamente tratados e impedir que muitos de seus alunos sofram atos de racismo.

Temos que compreender que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos distintos, que possuem cultura, religião e histórias diferentes e igualmente valiosas. Quando olhamos pra cultura afro-brasileira e indígena, vemos em todos os seus costumes a dimensão do respeito à vida e a morte, mantendo uma relação harmoniosa com a natureza. É muito importante que a escola estimule a criança e adolescente reconhecer e valorizar culturas diferentes porque ensinando as crianças estamos promovendo encontro de jovens e adultos que irão se respeitar e se reconhecer criando uma sociedade culturalmente bem educada.

E o que falar de educação inclusiva? Talvez o maior desafio de nossas escolas seja a de incluir de fato todas as crianças. Fiquei muito preocupada ao ver tantas dificuldades. A infraestrutura da escola onde fiz meu estágio, aqui no local onde eu moro, na zona rural de buritis, é bem precária. Frequentá-la é difícil pra essas crianças, porque a distância de deslocamento de suas residências é grande. As dificuldades vão da falta de acessibilidade, às condições materiais da escola. Os professores fazem tudo que está ao seu alcance pra que possam atender a todos os alunos, mas uma boa parte não consegue permanecer.

Outra dificuldade é que há vários alunos com deficiência físicas ou intelectuais que impossibilita o indivíduo de exercer sua participação efetiva na sociedade. Alguns distúrbios que se manifestam e caracterizam por padrões de comportamento e interesse nas atividades, na atenção, na coordenação motora podendo também apresentar alguns excesso de agressividade. Dentre as síndromes mais conhecidas estão o autismo, às vezes, presente desde o nascimento. Os sintomas incluem anormalidades de crescimento, ausência ou atraso da fala. Há ainda a Síndrome Asperger que trás prejuízos severos e persistentes na interação social. Mas, o que mais me chamou atenção, foi ver que existem alguns transtornos que são mais comuns na vida escolar das crianças, os chamados Transtornos

Funcionais. Os mais conhecidos nos espaços escolares são: disgrafia, disortográfica, dislexia e discalculia.

A disgrafia se divide em duas características específicas: aparente déficit de discriminação visual, coordenação visomotora, noção temporal-espacial e subjacente interferência no desenvolvimento perceptomotor. Agrava se não for tratado, pois reflete acentuadamente na autoestima. Alguns sintomas da disgrafia e a desorganização das letras, das formas muito grandes ou muito pequenas ou espaços entre as linhas. Mas não está associada a nenhum tipo de comprometimento intelectual. A Disortografia caracteriza-se pelos seguintes sintomas: trocas, inversões, erro na escrita, múltiplos erros gramaticais. Algumas pessoas com disortografia sentem dores nas mãos, pois fazem muita força ao escrever. A Dislexia tem sua origem no âmbito neurológico e os sintomas mais comuns são as dificuldades com a linguagem falada, com a percepção espacial, confusão entre direita e esquerda. Entre as características podemos citar a lentidão do processamento de informação, principalmente relacionados à leitura, escrita e interpretação de textos. A Discalculia é a dificuldade de aprender matemática. A pessoa tem dificuldade de realizar operações de adição, subtração, divisão e multiplicação e não sabe posicionar os números de uma operação na folha de papel, gasta muito espaço ou faz operações num cantinho da folha de papel. Tem dificuldade de memorização e em conservar quantidades.

A psicologia tem nos auxiliado a identificar e dar tratamento adequado aos distúrbios de aprendizagem. A Psicologia do Desenvolvimento é uma ciência que vem buscando sua identidade como trabalho científico. Muito mais que a simples observação dos fenômenos cotidianos, ela procura estabelecer um critério sistematizado para analisar os fenômenos humanos.

Durante todo o curso de Pedagogia, pude compreender que a aprendizagem é contínua. A Aprendizagem acontece o tempo todo, em qualquer espaço e diante de inúmeras situações e sentimentos. Ela, por vezes, se apresenta anterior a uma ação e em outras, posterior. Geralmente, a aprendizagem que antecede as ações nos dá mais liberdade de escolha. Um diferencial na aprendizagem é o objetivo que se propõe ao ensinar, e, é aí que o espaço/tempo tem grande interferência. Às crianças ensinamos a percepção aos estímulos, ao adolescente interação com o mundo, ao jovem raciocínio lógico, ao adulto resiliência e ao ancião entusiasmo.

Entretanto, toda a aprendizagem serve para fazer evoluir a pessoa humana e proporcionar a interação social.

Para que a aprendizagem seja de fato efetiva uma questão importante é a relação professor-aluno.

A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa e às normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo.

A relação professor - aluno pode se mostrar conflituosa, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes. Podemos observar dois aspectos da interação professor-aluno: o aspecto da transmissão de conhecimento e a própria relação pessoal entre professor e aluno e as normas disciplinares impostas. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, lhe fortalecendo as bases morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.

A escola, como um todo, passa por uma crise de sentido. Os alunos não sabem por que vão a ela. A falta de significação do que é estudar, a evasão, a reprovação e a violência que existem nas mais diferentes formas acabam por transformar esta relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada. O professor pode abrandar este conflito preocupando-se com o relacionamento emocional e afetivo. O aspecto afetividade influi no processo de aprendizagem e o facilita, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando ideias e experiências várias, expressando opiniões e criando situações para, posteriormente, serem utilizadas em sala de aula. Quando o professor pergunta, ele não está simplesmente querendo obter respostas que já conhece, pois incentivar o pensamento filosófico é querer que o educando reflita de maneira nova, considere métodos alternativos de pensar e agir. Neste ponto, devemos observar o que foi escrito por Libâneo (1994):

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na

assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. (LIBÂNEO, 1994, p.250)

Vemos apesar dos esforços, o objetivo principal, que é dar possibilidade ao educando de construir seu conhecimento, fica muitas vezes prejudicado pela falta da capacidade de ouvir o aluno e, assim, descobrir as suas dificuldades, como foi exposto acima. Outro ponto que devemos ter em mente é o de que o professor não pode ter dúvidas sobre o que seja de fato a autoridade do professor, para que ela não se pareça, como às vezes acontece, com autoritarismo e também, em contrapartida, não propicie a total ausência de lei, impedindo a disciplina, que é necessária ao aprendizado e a organização de qualquer trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho me proporcionou uma viagem na história de minha vida. Foi importante lembrar minha trajetória, poder apresentar e mostrar as minhas experiências, caminhos que percorri e suas consequências. Esse caminho me proporcionou crescimento pessoal e profissional. As dificuldades e as conquistas me ensinaram a amar e a valorizar cada vez mais aqueles que necessitam e principalmente a minha família. Acredito que conhecimento é indispensável na vida do ser humano, mas o essencial é o amor, pois sem amor nada se sustenta.

Ainda não atingi todos meus objetivos, mas sou grata a Deus por tudo, por me dar a oportunidade de alcançar e após cada sonho realizado, sentir motivação em buscar novas conquistas.

O curso me ajudou a lidar com a diversidade existente entre os alunos, me ajudou a incentivar atividades de enriquecimento cultural, a desenvolver práticas investigadoras, a exercer a organização, coordenação e gestão do trabalho pedagógico, a fazer integração da teoria e prática, a fazer argumentações sobre meus objetivos na educação, a compreender os reais objetivos políticos que circundam a educação como um todo e a ter uma posição crítica frente ao modo de produção capitalista.

Sinto que grandes mudanças ocorreram no meu modo de pensar e de agir. Mas tal mudança somente ocorreu devido ao relacionamento que tive com outras pessoas: trocando experiência, questionando, refletindo, buscando algo novo. Enquanto educadora, acredito na ideia de que transmitimos o conhecimento da mesma maneira que aprendemos.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994,

GOUVEIA, Cristiane Talita Gromann de. **O Projeto Logos II em Rondônia: a implantação do projeto-piloto e as mudanças em sua organização político-pedagógica**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2016.